

TURISMO DE NATUREZA



CONDUTOR DE VISITANTES

MANUAL DO PROJETO TRAVESSIA

PROJETO TRAVESSIA
REALIZAÇÃO - MECENAS DA VIDA
APOIO INSTITUTO LOCALIZA



ORGANIZAÇÃO

Equipe Movimento Mecenass da Vida

PRODUÇÃO GRÁFICA

Wilsa Mendonça

DESENHOS GRÁFICOS

Wilsa Mendonça

FOTOGRAFIA

Acervo Mecenass da Vida e Internet

FICHA CATALOGRÁFICA

Manual de Turismo de Natureza
Projeto “Travessia”, 2024.

Apoio



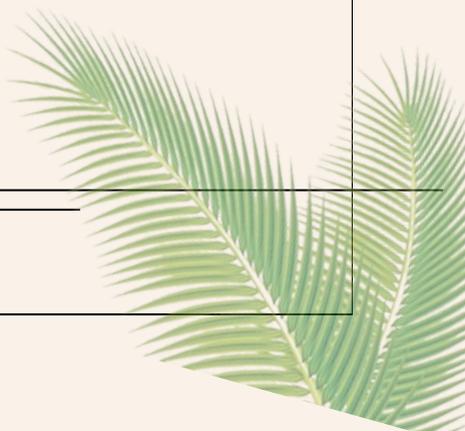
Realização





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	PÁG 04
A APA COSTA DE ITACARÉ SERRA-GRANDE.....	PÁG 09
O TURISMO E SUAS CATEGORIAS.....	PÁG 11
TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DE VISITANTES.....	PÁG 14
TÉCNICAS DE CAMINHADA EM GRUPOS.....	PÁG 18
INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL.....	PÁG 22
OBSERVAÇÃO DE FLORA.....	PÁG 24
O QUE LEVAR PARA UMA CAMINHADA?	PÁG 31
PRIMEIROS SOCORROS.....	PÁG 36
ROTEIRO E PRODUTO TURISTICO.....	PÁG 37
SEGMENTOS DO ECOTURISMO.....	PÁG 42
CONCLUSÕES.....	PÁG 47
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	PÁG 49



APRESENTAÇÃO

Um olhar para a paisagem da APA Itacaré - Serra Grande e suas riquezas naturais...

O presente manual do Turismo de Natureza no âmbito do projeto Travessia e apoiado pelo Instituto Localiza - e tem como executor a Associação Movimento Mecenas da Vida, e foi elaborado com o propósito de trazer informações técnicas e inspiradoras para os leitores, sobre a importância do turismo de Natureza, como atividade turística que visa aproximar com critérios e responsabilidade sócio ambiental, os visitantes dos ambientes naturais preservados na APA Costa de Itacaré Serra-Grande, no sul da Bahia.

O manual será apresentado em tópicos e o seu conteúdo certamente estará ampliando o conhecimento dos leitores sobre as questões relacionadas ao tema do turismo de Natureza e condução de visitantes em ambientes naturais. Esse manual é um dos resultados do Projeto “Travessia”, que é apoiado pelo Instituto Localiza – e tem como executor a Associação Movimento Mecenas da Vida.

O projeto “Travessia” é um projeto socioeducativo de orientação e desenvolvimento profissional voltado à inclusão socioprodutiva de jovens em situação de vulnerabilidade na cadeia produtiva do turismo, na Área de Proteção Ambiental Costa de Itacaré – Serra Grande, no litoral sul da Bahia. O Projeto se desenvolveu apoiado no programa Turismo CO₂ legal Guardiões do Clima, uma iniciativa que vem sendo executada na região, e que busca fazer do turismo um indutor de enfrentamento da emergência climática e de sustentabilidade local. O propósito do projeto Travessia é despertar e desenvolver as vocações e capacidades dos jovens locais, afim de fortalecê-los e motivá-los na busca de seus espaços enquanto futuros profissionais. Além disso, o projeto buscará engajar os jovens nas ações do Turismo CO₂ Legal Guardiões do Clima e na rede de parceiros do programa, criando oportunidades de emprego e renda para os mesmos. Com a execução do projeto Travessia promoverá uma transição na vida dos jovens, levando-os de um lugar de escassez, dependência econômica e baixa estima para um lugar de oportunidades de A elaboração deste manual ampliará o conhecimento dos jovens e leitores sobre as questões relacionadas ao seu território.



Um olhar para o passado...

As primeiras trilhas foram construídas pelo homem pré-histórico em busca de água, alimento e abrigo. No Brasil, quando os portugueses chegaram em 1500, estima-se que haviam cerca de 5 milhões de índios divididos em milhares de tribos e falando mais de mil línguas diferentes. Uma enorme diversidade cultural, resultado de um longo e complexo processo de relações e de ligação com a natureza. A cultura indígena representa uma das maiores fontes de conhecimento sobre a natureza. Os índios foram, portanto, importantes demarcadores de caminhos, conduzindo os exploradores pelas trilhas nas matas, campos e cerrados, e pelos rios, córregos e igarapés. Algum tempo após a sua chegada, os portugueses trouxeram africanos para serem escravizados. Esta população também tinha uma cultura diversificada em suas diversas regiões da África, trazendo-a para o Brasil, e mesclando com a indígena e portuguesa. Nasce assim a cultura brasileira, de diversas origens, e seus possuidores foram se relacionando e aprendendo a viver com as diversas paisagens do território brasileiro: Mata Atlântica, Amazônica, Caatinga e etc. Surge assim, no interior do país, uma figura conhecida como mateiro. Moradores da floresta e trabalhadores rurais com grande conhecimento sobre os recursos e os perigos da natureza. Os que chegavam, eram conduzidos pelos mateiros por todo o Brasil. Eram os guias do mato, excelentes conhecedores de suas regiões.



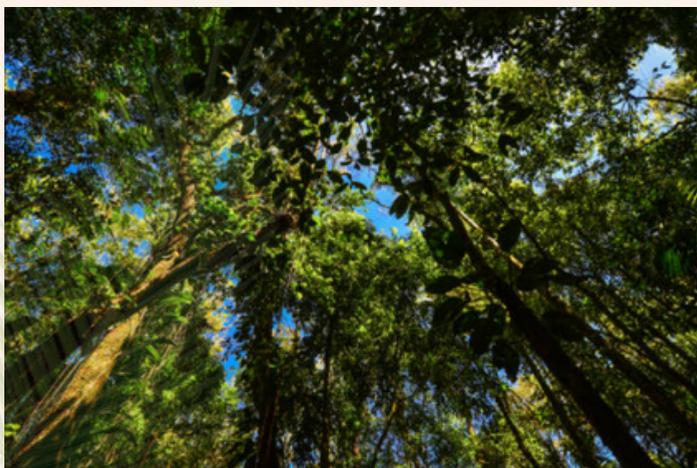
CONCEITOS

Desenvolvimento Sustentável

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar três objetivos: crescimento econômico, igualdade social e conservação ambiental.

Dentro deste contexto, surge o ecoturismo e o turismo de base comunitária, que falaremos mais adiante. Unidades de Conservação do Brasil Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, entende-se por unidade de conservação: “espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (SNUC, 2000).



RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

A responsabilidade socioambiental é a responsabilidade que as empresas e organizações possuem atreladas ao meio ambiente e a sociedade, além dos cumprimentos normativos, tendo um foco para o desenvolvimento de forma sustentável.

É, portanto, um compromisso com as políticas da corporação e a cultura da empresa, pensando na preservação do meio ambiente e no mundo que será deixado para as gerações futuras.

O conceito de sustentabilidade está intimamente relacionado com a política de responsabilidade socioambiental, pois é a prática de preservar o meio ambiente, a fim de não comprometer as gerações futuras. Ela precisa estar presente no dia a dia da empresa, envolvendo, além das atividades produtivas, o tratamento dado as questões ambientais e sua influência e relacionamento com fornecedores, público interno, público externo e com a sociedade.



A ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL COSTA DE ITACARÉ-
SERRA-GRANDE E SUAS
POTENCIALIDADES PARA O
TURISMO DE NATUREZA





A APA LOCALIZA-SE AO NORTE DA COSTA DO CACAU, OCUPANDO UMA FAIXA LITORÂNEA DE 28 KM DE EXTENSÃO, COM UMA ÁREA TOTAL DE 62.960 HA E ABRANGENDO OS MUNICÍPIOS DE URUÇUCA E ITACARÉ.

Objetivos específicos da unidade
Proteger os remanescentes da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, garantindo a manutenção da biodiversidade e potencializando a atividade turística, valorizada ainda pela presença de falésias rochosas e um litoral espontaneamente belo.

Considerando que a faixa costeira compreendida entre a foz do rio de Contas e o riacho Sergi, nos Municípios de Itacaré e Uruçuca, apresenta a características de relevante importância para a preservação ambiental, tendo em vista a presença de falésias rochosas associadas a remanescentes de Mata Atlântica e planícies costeiras com a presença de vegetação de restinga, além de importante ecossistemas marinhos, constituindo valioso patrimônio ambiental que por suas características naturais de apreciável valor cênico, favorece o desenvolvimento do turismo de natureza, compatível com as exigências para o desenvolvimento sustentado da região;

ATRIBUTOS NATURAIS

A APA abriga uma região costeira de relevante importância ecológica, com o relevo de falésias e planícies costeiras, associada à vegetação de Mata Atlântica e restinga; conjunto de praias de formação singular e aspecto selvagem; manguezais; matas ciliares e bolsões de desova de tartaruga marinhas nas praias. A região tem clima considerado Tropical Super Úmido, sem estação seca acentuada.

Aspectos Relevantes

Rio de Contas, onde são praticados passeios turísticos

Cachoeiras, com pequenas quedas d'água
Praias da Barra do Sargi, Pé de Serra, Pompilho, Patizeiro, Itacarezinho, Engenhoca, Jeribucaçu, Prainha, São José, Siríaco, Ribeira, Costa, Tiririca, Resende e Conchas.

Trilhas contemplativas na exuberante Mata Atlântica

Em Itacaré, destaca-se o aspecto arquitetônico através da Igreja de São Miguel e, ainda, a Festa de São Miguel, as comemorações do Dois de Julho e a Puxada de Rede.

Em Serra Grande, destaca-se a Festa de São Pedro e as atividades do artesanato local.

Principais Conflitos Ambientais

Ocupação desordenada nos núcleos urbanos; Lançamento de esgotos domésticos nos rios e praias; Invasão de áreas de Preservação Permanentes; Disposição inadequada de resíduos sólidos; Extração ilegal de areia; Pesca predatória; Desmatamento e queimadas.



O TURISMO E SUAS CATEGORIAS

Segundo o dicionário Aurélio, TURISMO é “viagem ou excursão feita por prazer, a locais que despertam interesse”. É o setor econômico que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto mundial. O seu desenvolvimento tem trazido preocupações aos governos locais, às comunidades receptoras e às organizações conservacionistas por colocar em risco áreas naturais, protegidas ou não, de riquezas imensuráveis, assim como importantes patrimônios histórico naturais e culturais. Isso deve-se à velocidade e escala dos investimentos públicos e privados, em detrimento da aplicação prévia de mecanismos de planejamento participativo, legislação de uso do solo, zoneamento e proteção ambiental, educação dos visitantes e planos de monitoramento da atividade, que podem garantir a proteção da base dos recursos naturais e culturais que fundamentam os negócios do turismo. O turismo possui várias vertentes e ele surge como possibilidade de reencontro, de fantasia, sair em busca do novo, da saúde física, mental, de expressar-se no encontro com outra cultura, outros valores, sabores, tempos e diversão. Mas existem algumas formas sustentáveis de turismo, como o ecoturismo e o turismo de base comunitária, que buscam a prática do desenvolvimento sustentável. Elas têm potencial para contribuir para a conservação de diversidade biológica dentro e fora de áreas protegidas, assim como promover melhorias na qualidade de vida das comunidades locais e regionais. Vamos falar um pouco sobre cada uma delas.

ECOTURISMO

Segundo a definição oficial brasileira, “ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR). O ecoturismo se baseia em três pilares de beneficiários: visitante, comunidade e meio natural.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

“É um modelo alternativo de gestão turística, interna e autônoma, manejado pelas organizações comunitárias rurais, indígenas e urbanas, marcadas pela diversidade econômica de seus sistemas produtivos e pela administração integral do desenvolvimento em seus territórios de origem”. (BOLÍVIA, 2006)

ECOTURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

“O ecoturismo de base comunitária deve ser visto como o turismo realizado em áreas naturais, determinado e controlado pelas comunidades locais, que gera benefícios para estas e para áreas relevantes para a conservação da biodiversidade.” (Rene Scharer)



GUIA DE TURISMO E CONDUTORES DE VISITANTES

Guia de Turismo

É o profissional que, devidamente cadastrado na Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, exerce as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializados. Para se tornar Guia de Turismo, o candidato tem que preencher, dentre os requisitos: ter concluído o 2º grau e o Curso de Formação Profissional de Guia de Turismo.



Condutor de Visitantes

É o elo de ligação entre o visitante, a comunidade e o próprio ambiente que, apesar de ameaçar o visitante por um lado, é frágil e requer cuidados para que não se degrade por outro. O condutor tem o importante papel de intérprete que sabe conciliar da melhor forma possível os interesses e as necessidades de ambas as partes. O primeiro curso de capacitação ocorreu em 1991 em Alto Paraíso, junto aos moradores vizinhos do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – Goiás. Esta iniciativa deu-se após o Ibama proibir acampamentos e visitas desacompanhadas ao Parque devido à degradação que estas estavam causando à área. A maioria dos alunos era de mineradores de cristal ou filhos destes.





TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DE VISITANTES

Porque conduzir visitantes?

A Área de Proteção Ambiental Costa de Itacaré Serra-Grande é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável e se constitui em um território com vários atrativos naturais e socioculturais para os visitantes. Quando chegam a áreas como esta, os visitantes se ocupam em atividades como caminhadas em trilhas, visitas a comunidades, experimentação da cultura local (culinária, festividades e etc), entre outras. Se eles passeiam sozinhos, pode ocorrer: risco de destruição ambiental e cultural; desconforto; perigo. Porém, se a visita ocorre monitorada, os visitantes: irão nos melhores lugares com mais informações interessantes; não estragarão a natureza e nem a cultura local.

Tipos de Visitantes

turista tradicional

É aquele que em geral não se movimenta muito. O movimento mais frequente é o de jogar lixo onde não deve, costuma achar que tudo lhe pertence e age como se fosse o último a estar por ali: carrega tudo o que acha interessante sem se tocar que outro visitante futuro não terá nada para ver. Normalmente reclama de tudo.



TURISTA FANTASIADO

É um terror para a natureza. Costuma se vestir com roupa camuflada, como se estivesse indo para uma guerrilha.

Geralmente não quer nada com os condutores, que poderão coibi-lo em suas manifestações de vandalismo.



Turista Aventureiro

É aquele todo equipado, treinado e habituado a andar em grupos independentes por trilhas de todas as dificuldades e comprimentos. Não usam guias, pois localizar o caminho é uma de suas habilidades, são autossuficientes em quase tudo e não representam perigo para a natureza. Às vezes ajudam até reparar o estrago dos outros.

Ecoturista

É aquele todo equipado, treinado e habituado a andar em grupos independentes por trilhas de todas as dificuldades e comprimentos. Não usam guias, pois localizar o caminho é uma de suas habilidades, são autossuficientes em quaCostuma estar em harmonia com o ambiente e com as pessoas, é bem disposto para as caminhadas, espera muito do condutor, como: levar nos melhores locais em segurança, passar informações de animais, plantas e histórias da região etc.

É importante saber que um tipo de visitante não exclui o outro. O que ocorre é uma variação de proporção entre os diversos tipos. É claro que essa classificação não é absoluta, existindo sempre exceções em todos os casos e turistas que não se enquadram em nenhum tipo.

se tudo e não representam perigo para a natureza. Às vezes ajudam até reparar o estrago dos outros.

FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES DO CONDUTOR

É A CONTRIBUIÇÃO DOS CONDUTORES PARA EDUCAR OS VISITANTES COM RELAÇÃO À QUALIDADE DE VIDA E À FORMA DE VISITAÇÃO EM ÁREAS PROTEGIDAS.

Guiar o caminho - Não é só levar pelo caminho certo. Vai muito além disso.

Informar o grupo - As informações são de três tipos: instruções de comportamento, informações ilustrativas e avisos.

Cuidar do grupo - Fisicamente e psicologicamente.

Socorrer -É obrigação do guia prestar primeiros-socorros, salvamento, resgate e transporte. Enfim, garantir a integridade do visitante.

Funções e Responsabilidades do Condutor para com a Natureza

Zelar diretamente - Cabe ao guia cuidar da área visitada vigiando seus visitantes quanto ao bom comportamento.

Conscientizar o visitante - É a contribuição dos condutores para educar os visitantes com relação à qualidade de vida e à forma de visitação em áreas protegidas.

Funções e Responsabilidades do Condutor para com a Comunidade Local

O condutor deve orientar os visitantes quanto ao bom comportamento na comunidade, evitando o uso de drogas ilícitas e outras atividades que causem choque com a cultura local.



TAMANHO DO GRUPO E DA EQUIPE DE CONDUTORES

A EXPERIÊNCIA TEM NOS MOSTRANDO QUE O GRUPO NUNCA DEVE EXCEDER 10 VISITANTES.

Técnica Profissional

Mas, caso você se defronte com um grupo maior que isso já formado, a sugestão é que ele seja dividido em dois ou mais sub-grupos, que farão roteiros diferentes ou a mesma trilha, com um intervalo mínimo de tempo calculado para que os grupos não se encontrem nem nas paradas.

A relação ideal é um guia para cada dez visitantes, e no mínimo dois guias por passeio para garantir a segurança em situações onde, ocorrendo algum problema com um dos guias, o grupo ainda tenha o outro para garantir a segurança de todos e o socorro do próprio companheiro.

Conduzir um grupo começa bem antes do primeiro passo da caminhada ser dada. O condutor dispõe de certa técnica que ao mesmo tempo em que cumpre os procedimentos preliminares à atividade, o coloca como guia de fato do grupo. Ou seja, o guia assume a sua posição de liderança. Por mais adverso que seja o humor de seu grupo, existem dois argumentos, muito fortes, que devem ser empregados para ganhar a confiança e a simpatia dos visitantes: paciência e simpatia.

A ideia agora é fazer da apresentação a reunião para instruções iniciais, uma oportunidade para o guia se posicionar como profissional que liderará a atividade, em troca de segurança e informações.





TÉCNICAS DE CAMINHADA EM GRUPO

Comunicação

Com os guizados Ocorrem em geral para informações e aviso

Como fazer essas comunicações?

Reunião do grupo; Telefone sem fio; Mensageiro fixo.

ENTRE os guias

Entre os aspectos mais importantes, os guias devem comunicar-se para:

Verificar se a caminhada pode continuar;

Em casos de retardatários;

Necessidade de parada breve;
Alerta de obstáculos à frente;
Necessidade de auxílio;
Necessidade de socorro.

Importante fique atento

Intervalo entre comunicações ordinárias

Comunicações ordinárias são aquelas feitas sem motivo aparente. Não apareceu dificuldade, não tem abismo, ninguém se machucou, mas é necessário haver uma comunicação entre os guias. Isso se faz nas paradas para juntar o grupo e conferir, com certeza, se tudo vai bem.

TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DE VISITANTES

SE VOCÊ NÃO TEM VISÃO DO GRUPO

Deve-se proceder um momento de comunicação a cada 10 minutos em média, podendo ser flexionado esse tempo de acordo com o seu tipo de grupo ou de trilha.

SE VOCÊ TEM VISÃO DO GRUPO

Para prevenir erros, a comunicação de fato deve ocorrer a intervalo máximo de 30 minutos.



VELOCIDADE DA CAMINHADA

Em um grupo de caminhada, constituído por pessoas que não realizam treinamento contínuo e específico para andar por trilhas irregulares, deve-se andar DEVAGAR. Se esse grupo for muito heterogêneo ou formado por pessoas de má forma física, sua velocidade de progresso deve ser menor ainda.

Na prática, as velocidades de caminhadas são muito variáveis e alguns fatores importantes devem ser considerados na determinação da velocidade do grupo. São eles:

HOMOGENEIDADE OU HETEROGENEIDADE DO GRUPO

Quanto mais homogêneo for o grupo, maior a sua liberdade em acelerar a caminhada quando for conveniente. Já se o grupo for muito heterogêneo, certamente haverá pessoas que só consigam caminhar lentamente, obrigando o grupo a andar devagar pois, de outra forma, abriria-se uma distância muito grande entre as pontas assim como entre os elementos do grupo.

DISPOSIÇÃO MENTAL E FÍSICA DO GRUPO

É uma medida de ânimo das pessoas em fazerem a caminhada lentamente ou rapidamente.



NA IDA OU NA VOLTA

Geralmente as pessoas estão com mais energia na ida e mais desgastadas na volta. Condição física e mental do grupo. Situação geográfica. Dificuldade do percurso. Condições climáticas. Carga.

Importante

é o guia que determina a velocidade da caminhada, baseado em sua sensibilidade sobre todo o grupo.

PARADAS

Vamos analisar agora os motivos que fazem um grupo em marcha parar de andar.

Paradas rápidas para juntar o grupo; Paradas para descanso; Paradas para alimentação; Paradas para explicações; Paradas cênicas; Parada por força de obstáculo; Paradas para socorro.

Ordem de caminhada

Normalmente não se muda a ordem natural que se estabelece entre os participantes. Mas há casos nos quais você precisa "intervir cirurgicamente" no grupo e mudar a ordem dos caminhantes. Isso altera o resultado!

Por exemplo, se no fim de uma trilha, já voltando, um ou um grupinho é sempre identificado como os retardatários do grupo e se essa demora está sendo muito grande, basta você colocar os mais lentos à frente, que dos fatores positivos passam a correr:

Quem estava na frente tende a caminhar mais devagar, ficando atrás. Isso colabora para igualar a velocidade dos participantes.

Se os mais lentos estão à frente, não é preciso fazer parada para esperar, o que dá a sensação de estarem todos indo mais rápido.



INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL É UMA IMPORTANTE FERRAMENTA DE TRABALHO UTILIZADA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, NO MANEJO DE ÁREAS PROTEGIDAS E, MAIS RECENTEMENTE, NO ECOTURISMO.

Trata-se de um conjunto de técnicas de comunicação que visa revelar a natureza e a cultura local para o público, a fim de informá-lo, entretê-lo e sensibilizá-lo, promovendo atitudes e consciência conservacionistas.

A base conceitual da interpretação está na sensibilização e transmissão de informações aos visitantes, caracterizando-se por traduzir a linguagem do meio ambiente, num sentido amplo, envolvendo aspectos naturais, históricos, arquitetônicos, sociais e culturais, à linguagem comum dos visitantes, por meio de uma abordagem própria, aliando entretenimento, presença de significado, organização e também de uma mensagem a ser comunicada, buscando cativar o visitante e estimulá-lo a pensar (Egydio, 1999).



A interpretação ambiental deve ser um processo contínuo e estar presente em todas as etapas de contato do visitante com seu destino. A fim de estimular e manter seu interesse, é importante explorar todos os sentidos: compreensão, visão, audição, olfato e tato. Há pessoas que captam melhor as informações por meio da visualização, outras da audição ou do toque. Enfim, quanto mais possibilidades de exploração sensorial, maiores são as chances do visitante captar e reter a informação. Em geral, as pessoas gostam mais de envolvimento sensorial, humor, novas informações inteligíveis e um intérprete entusiasmado. E desgostam de leitura, intérprete que fala muito, um programa técnico e apresentações longas e sem entusiasmo.

Por parte do público, é importante considerar suas limitações de tempo, de interesses e de capacidades. Geralmente, o visitante não dispõe de muito tempo ou interesse para obter muita informação ou participar de um processo educativo. Por isso, deve-se dar prioridade aos conteúdos mais significativos e importantes. As formas de comunicação precisam ser diretas, objetivas e eficientes.



MEIOS INTERPRETATIVOS

Podem ser classificados em personalizados e não personalizados. Os meios personalizados proporcionam uma interação entre o público e o guia ou intérprete. Os meios não personalizados são os que não utilizam pessoas, apenas objetos ou aparatos.

TRILHAS GUIADAS E AUTOGUIADAS

Não se deve encarar uma trilha apenas como acesso a determinado atrativo. A própria trilha deve ser considerada como importante atrativo e, por isso, ser bem planejada e valorizada pela interpretação. As trilhas guiadas necessitam de um guia ou condutor que indicará o caminho e interpretará o ambiente.

TRILHA GUIADA

vantagens

Possibilitam comunicação efetiva entre visitante e intérprete. A mensagem pode ser adaptada para diferentes públicos. A presença e a atuação do intérprete despertam maior interesse. Possibilitam o envolvimento da comunidade local (intérprete)

TRILHA AUTOGUIADA

vantagens

São autoexplicativas. Estão sempre disponíveis. Atendem a grande número de visitantes. Constituem forma rápida de educação

TRILHA GUIADA

desvantagens

Requerem o treinamento e a presença do intérprete. Atendem a pequenos grupos. A sua efetividade depende da habilidade do intérprete. Geralmente implicam custo adicional para o visitante.

TRILHA AUTOGUIADA

desvantagens

Não possibilitam o esclarecimento de dúvidas. São dirigidas a um público genérico. É difícil manter o interesse do visitante. É difícil controlar o vandalismo



OBSERVAÇÃO DE FLORA



Podem ser classificados em personalizados e não personalizados. Os meios personalizados proporcionam uma interação entre o público e o guia ou intérprete. Os meios não personalizados são os que não utilizam pessoas, apenas objetos ou aparatos. Não se deve encarar uma trilha apenas como acesso a determinado atrativo. A própria trilha deve ser considerada como importante atrativo e, por isso, ser bem planejada e valorizada pela interpretação.

As trilhas guiadas necessitam de um guia ou condutor que indicará o caminho e interpretará o ambiente. A observação de flora é fácil e pode ser feita de muitas maneiras. Pode-se aprender sobre a flora olhando uma paisagem do alto de um morro e, ao mesmo tempo, observando uma folha minúscula para olhar a superfície com o auxílio de uma lupa. É enorme a variedade de cheiros, cores, texturas e formas. Isso sem falar das variações internas que, embora não vejamos, devem ser lembradas, tais como a presença de óleos e o uso medicinal de determinadas plantas pela comunidade local. Cada paisagem tem sua peculiaridade e seus detalhes. Cada local visitado apresenta sinais de como era originalmente e de como ficou depois de sofrer alterações resultantes da ação do ser humano.



Dos ambientes mais naturais até os mais modificados pelo ser humano, dificilmente se encontra algum que seja desprovido de um exemplar da flora. E onde existir uma só plantinha, por menor que seja, há o que se observar nela. Cada bioma brasileiro tem condições de clima e de solo que favorecem o crescimento de um conjunto típico de plantas.

Na Mata Atlântica, sabemos que, apesar de estar presente em 17 estados brasileiros, é o bioma mais ameaçado do Brasil, já que restam menos de 6% de sua cobertura original. Quando os portugueses chegaram, a Floresta Atlântica era a segunda maior formação florestal tropical da América do Sul.

OBSERVAÇÃO DE FLORA



Os índices de seu desmatamento são muito mais graves nos estados do nordeste do Brasil, onde restam de 1 a 2% da cobertura original, estando a maioria no sul do estado da Bahia. Nela, existem diversas formações florestais e ecossistemas associados, a exemplo dos diferentes tipos de florestas, além das restingas e manguezais.

Apesar do intenso desmatamento e fragmentação, a Mata Atlântica, juntamente com seus ecossistemas associados, ainda é extremamente rica em biodiversidade, abrigando uma proporção elevada das espécies brasileiras, com altos índices de espécies que só existem lá. Estima-se que existam cerca de 250 espécies de mamíferos (55 próprios dela), 1.023 de aves (188 próprias dela), e cerca de 20.000 espécies de árvores, metade das quais só existem nela (CEPF, 2001).

É muito interessante que o condutor procure transmitir ao visitante um pouco da história da vegetação que se apresenta na sua frente, bem como suas características ou até mesmo usos na cultura local.



OBSERVAÇÃO DE FAUNA



Recentemente, a fauna silvestre passou a ter um outro valor econômico: o de atrativo turístico. Em virtude do crescimento da degradação ambiental em todo o planeta, muitos passaram a caçar animais apenas com binóculos, filmadoras e máquinas fotográficas. Conhecer os animais e seus hábitos é uma atividade estimulante e intrigante.

Com o fortalecimento do movimento ambientalista, um número crescente de estudiosos passou a se interessar pela fauna silvestre. O ecoturista, experiente ou iniciante, aprecia a observação de fauna de uma maneira geral, particularmente quando obtém maiores informações sobre os animais observados.

É preciso também saber valorizar os grupos mais abundantes e evidentes como insetos, as aves e os répteis. Os mamíferos de grande e médio porte são de difícil observação no Brasil, seja pela escassez, pelo comportamento arisco, pelos hábitos noturnos ou pela vegetação fechada. A observação direta desses animais requer locais bem preservados, além da habilidade e equipamentos específicos.

Aqueles que pretendem promover a observação de fauna devem inicialmente aprender sobre os animais mais evidentes, a fim de valorizar esse importante atrativo eco turístico. A observação de animais raros ou endêmicos (que só existem em locais restritos) é uma atividade que valoriza qualquer produto eco turístico. No entanto requer mais conhecimento e responsabilidade.



'conhecer os animais e seus hábitos é uma atividade estimulante e intrigante.'

OBSERVAÇÃO DE FAUNA

ÉTICA



É fundamental ter respeito pelos animais que se pretende observar, evitando perturbá-los. Um animal sensível pode abandonar seu ninho e, até mesmo, deixar de frequentar um local, caso se sinta ameaçado pela presença do homem. Ninhos e filhotes nunca devem ser tocados ou perturbados.

Não se deve aproximar demais dos animais nem provocar uma revoadada apenas para conseguir uma fotografia.

Ambientes e horários

É importante compreender que existem horários e locais adequados para esta atividade. Alguns animais, como a maioria das aves, são mais ativos no início e no fim do dia; outros, como a maioria dos répteis, são mais ativos nos horários mais quentes; já os mamíferos são mais ativos no crepúsculo e à noite. Alguns animais só são encontrados nas matas, outros nos campos e muitos são encontrados na transição de ambientes diferentes. Quanto mais opções de ambientes e horários diferentes, maior será a quantidade de espécies possíveis de serem observadas. De maneira geral, devemos procurar os animais em locais de alimentação, abrigo e reprodução. Flores e frutos são atrativos importantes para a fauna, e o conhecimento de plantas que estão florescendo ou frutificando será de grande valia na detecção de animais silvestres. Fontes de água também são locais muito visitados pelos animais, especialmente na época seca.

OBSERVAÇÃO DE FAUNA

Observação direta

A melhor maneira de se observar a fauna é a direta, isto é, utilizando nossa visão, audição e olfato para detectar e apreciar os animais.

Para facilitar e melhorar a visualização, é importante o uso de binóculos. Uma lupa também é útil no campo para observar pequenos animais, como os insetos. A visualização pode ser diurna ou noturna. De dia, é importante o uso de roupas discretas e até o uso de esconderijos para conseguir uma aproximação maior dos animais. Esses esconderijos podem ser improvisados com panos, plásticos, galhos e folhas. Devemos evitar cheiros fortes (perfume, etc) para não espantar os animais que se pretende observar. Uma estratégia utilizada para se aproximar de animais que possuem bom olfato é caminhar contra o vento, evitando que percebam a presença humana à distância. Outro detalhe importante é evitar conversa e barulho, pois a maioria dos animais possui ótima audição. Muitos animais detectam a presença de outro pelo movimento. Deve-se caminhar lentamente, especialmente na aproximação de algum animal, e evitar movimentos bruscos. Sendo detectado pelo animal, deve-se ficar imóvel até que ele prossiga na sua atividade.

Audição e olfato

Além da visão, deve-se procurar aprimorar outros sentidos que podem auxiliar na detecção de animais. Animais territoriais costumam marcar seu território com excrementos, urina ou secreções que podem ser detectados e até identificados pelo olfato. O uso da audição é muito importante, pois o simples estalo de um graveto pode nos revelar a localização de um animal. No caso das aves, o conhecimento de seus cantos é um dos principais trunfos utilizados por ornitólogos e observadores de aves para localizar e identificar as diferentes espécies. Outros animais também emitem vocalizações para se comunicar. Geralmente essas vocalizações são mais frequentes na época de acasalamento. Algumas vocalizações podem confundir e até assustar uma pessoa inexperiente.

T R A N S P O R T E S

A melhor maneira de se observar a fauna é a pé, particularmente nas trilhas. No entanto, existem situações em que um meio de transporte pode facilitar a visualização dos animais, a exemplo de cavalos e carros equipados para tal atividade.

T O R R E S E P A S S A R E L A S

Algumas estruturas podem facilitar a observação de fauna, permitindo a aproximação e locais de difícil acesso, tais como torres e passarelas suspensas. O planejamento e a instalação desses equipamentos deve ser feita por pessoal qualificado, garantindo segurança e evitando grandes impactos. Atenção especial precisa ser dada aos materiais utilizados e às dimensões dos equipamentos, a fim de evitar a poluição visual de estruturas artificiais e fora de proporções.



OBSERVAÇÃO NOTURNA

DIRETA

Alguns animais possuem olhos adaptados para a visão noturna e, por causa da sua constituição, refletem a luz. Esse fator permite uma localização rápida e eficaz.

Com o uso de uma lanterna possante ou de um farol manual conhecido como cilibim, pode-se localizar com relativa facilidade os animais.

Observação indireta

Os animais deixam diversos sinais diferentes: rastros, excrementos, pêlos, escamas, fuçados, arranhões, tocas, camas, ninhos e restos alimentares. Com a prática, aprende-se onde e quando procurar por esses vestígios. A identificação do animal e a leitura do que pode ser encontrado já é uma tarefa mais difícil. Para isso, é muito importante o uso de guias de identificação de sinais. As amostras coletadas precisam ser etiquetadas com informações sobre procedência, data e coletor. Pêlos e excrementos têm de ser secos e guardados com naftalina para evitar o apodrecimento.

A Procura

Procure inicialmente por trilhas de animais, onde a vegetação foi pisoteada, ou na beira de rios e córregos. São bons locais para se encontrar rastros e excrementos. Procure também em trilhas de gado ou ainda em estradas de terra. Solos macios como lama ou fofos, como pó de terra ou areia fina, são melhores para encontrar rastros. Solos duros, como terra batida e areia grossa molhada, dificilmente registrarão pegadas. Procure principalmente em locais onde sejam prováveis fontes de água e alimento, por exemplo embaixo de plantas que estejam florescendo ou frutificando. Pela manhã bem cedo (orvalho) ou após uma chuva são os melhores horários para procurar rastros. O solo úmido favorece a impressão de pegadas e a vegetação molhada revela trilhas recém-percorridas.



PEDAGOGIA DA MATA E DO RURAL

A pedagogia da mata e do rural é nova. Seu conceito surgiu na Alemanha e foi desenvolvido e readequado ao Brasil, enquanto pedagogia da mata. O rural vem surgindo como necessidade de adequar a pedagogia não só à mata, mas também ao rural, considerando a realidade brasileira e implementando o ecoturismo / turismo de base comunitária de uma forma mais eficaz. As atividades desenvolvidas por esta pedagogia buscam propiciar ao visitante o estabelecimento de uma relação direta com o ambiente natural e cultural visitado, despertando o interesse por estes ambientes, promovendo uma consciência de conservação e fortalecimento da cultura e do meio ambiente. Através de exercícios elaborados, onde busca-se utilizar todos os sentidos possíveis, (olfato, visão e etc) pode-se facilitar a interpretação ambiental / cultural do local visitado, além de auxiliar na sensibilização.

O QUE LEVAR PARA UMA CAMINHADA?

Vestuário para Caminhadas

Calça comprida - devem ser de tecido macio, de preferência algo largo e confortável; Camisa ou camiseta - pode ser de manga longa ou curta, dependendo do calor, dos insetos e da abertura da trilha;

Tênis adequado - deve ser preferencialmente de solado de borracha e antiderrapante, confeccionado em nylon ou lona para o pé não ficar abafado, solado alto para absorver irregularidades, cano semi-alto e calcanhar rijo. Meias - a meia ajuda a evitar formação de bolhas. Boné ou chapéu - muito importante sob sol forte em regiões abertas.

Considerações finais sobre as roupas

Devem ser preferencialmente de cor clara, que absorvem menos calor, sendo assim mais confortáveis. Os guias devem usar uma roupa de cor que seja visível e reconhecível. É um fator de segurança que ao mesmo tempo dá um toque de diferenciação ao guia. Roupa de banho pode ser usada por baixo, facilitando na hora do banho. O uso de roupas camufladas do tipo militar não é recomendável.

EQUIPAMENTOS DE EXCURSIONISMO

EQUIPAMENTOS BÁSICOS PARA GUIAS E GUIADOS

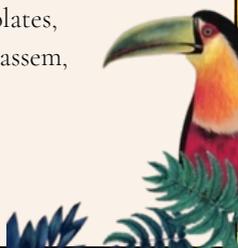
Mochila, Cantil, Lanterna, Capa de chuva, Agasalho, Lanche, Sacos para lixo, Protetor solar e Roupa de banho
Equipamentos Básicos para Guias
Corda, Apito, Relógio, Canivete, Estojo de Primeiros-Socorros, Papel e caneta, Pazinha e papel higiênico, Isqueiro ou fósforos protegidos.

Outros Equipamentos Interessantes para Guias
Mapas, Bússola, Altímetro, Pedômetro, Binóculos
Alimentação para Caminhadas

Os alimentos têm uma dupla função em uma caminhada: repor as energias e sais minerais gastos com atividade física intensiva, e dar uma compensação psicológica ao cansaço e às eventuais condições adversas de uma caminhada. É comum um grupo ficar mal-humorado e reclamante no momento da fome e, logo após comer, volta o bom humor e a descontração.

Antes da caminhada, recomendamos um desjejum reforçado, mas de fácil digestão. Isso é importante porque o alimento leva um certo tempo até ficar disponível no sangue e nos músculos e é com esse desjejum que você terá energia até o lanche da hora do almoço. Para a caminhada recomendamos levar: sanduíches de queijo, chocolates, biscoitos, frutas secas ou frescas, mas que não amassem, queijinho, suco em caixinha, etc.

NÃO LEVAR EMBALAGENS MUITO GRANDES, VIDROS E BEBIDAS ALCOÓLICA



SEGURANÇA

ANDAR COM FÉ E CUIDADOS

Proporcionar segurança ao grupo é uma das funções principais do guia. A questão da segurança pode ser dividida em três etapas básicas e independentes apresentadas a seguir.

Por ordem de importância: SEGURANÇA = CONCEITOS + TÉCNICAS + EQUIPAMENTOS

Conceitos de segurança: *como evitar perigos*

- Andar sempre dentro das trilhas.
- Ter sempre um guia experiente à frente, com os olhos atentos ao chão, para identificar uma eventual cobra na trilha, antes de passar por ela.
- Não conduzir o grupo a locais que se saiba haver casos de vespas, abelhas ou marimbondos muito próximo à trilha.
- Não levar, exceto que seja fundamental, o grupo em passagens muito próximas a abismos.
- Em paradas, permanecer com a atenção voltada ao grupo, delimitar área de circulação dentro de alcance visual de algum guia e grudar os olhos em quem estiver dentro da água.
- Alertar a quem não sabe nadar onde é raso e onde é fundo, determinando que fiquem no raso.
- Proibir mergulho de cabeça.
- Evitar fazer com o grupo ou permitir escaladas de cachoeiras, onde as pedras sempre lisas determinam tombos do alto, com consequências graves.
- Ter sempre agasalho, capa de chuva e lanterna, tanto você como o grupo.
- Não sair com grupos muito grandes ou com poucos guias o que não permitiria um bom controle das situações, gerando maior risco.
- Calcule certamente o tempo das caminhadas, lembrando que um grupo sempre é mais lento que você andando sozinho. É uma tendência frequente subestimar os tempos do percurso.
- Fique sempre atento às mudanças de tempo.
- Evite que as caminhadas terminem à noite, onde os riscos de acidentes aumentam naturalmente.

CONCEITOS DE SEGURANÇA:

Como evitar perigos

- Sempre que necessário, dê os avisos e instruções do grupo de forma que todos sejam comunicados.
- No inverno ou em regiões mais frias, tome todos os cuidados em não expor seu grupo a situações de frio intenso.
- Esteja sempre atento ao fenômeno de espalhamento do grupo ao longo da trilha. Não exite em fazer paradas para juntá-lo novamente (efeito minhoca).
- Nunca passe por uma bifurcação sem ter a confirmação do guia-de-trás, que o grupo está todo junto.
- Sempre que o grupo se dispersar, confira-o com chamadas ou contagem.
- Durante paradas instrua o grupo que, para se ausentar da área de circulação para "ir ao banheiro" ou por outro motivo, deve-se comunicar a um dos guias.
- Observe e faça por ser observado sempre a ordem de caminhada que determina guias nas pontas do grupo.
- Se você tiver dúvida em uma trilha, o que pode eventualmente ocorrer em função de modificação recente e surpreendente da paisagem, por queda de árvores, por exemplo, não prossiga com seu grupo. Se for o caso, deixe o grupo parado e faça um rápido reconhecimento até ter certeza do caminho. Só então conduza o grupo.
- Esteja sempre atento ao grupo e perceba quando é requerido descanso, cuidados de primeiros socorros ou conforto psicológico. Um grupo levado muito além de seu limite é candidato a riscos desnecessários e sérios.
- Assuma, junto com os demais guias, a liderança do seu grupo e encare todas as situações, por mais problemáticas que pareçam, com calma e objetividade.
- Aplique-se na sua função, estudando, trocando experiência com colegas, vivendo situações difíceis por conta própria para adquirir uma sólida segurança própria.

TÉCNICAS DE SEGURANÇA

fique atento

- A. Grupo monitorado - guias sempre abrindo e sempre fechando o grupo ou, se for grupo pequeno, mantê-lo suficientemente próximo para acompanhar visualmente todos os participantes.
- B. Ajuntamento do grupo
- C. Assistência localizada - nas passagens de média dificuldade como uma pedra mais alta para passar, um buraco ou uma pinguela sem corrimão, posicionar o guiamóvel para ajudar a todos.
- D. Passagens críticas - usar a corda para dar segurança em descidas ou subidas que não tenham bons locais de segurar ou onde o excursionista não possa de jeito nenhum cair, como nas proximidades de precipícios.
- E. Travessias de rios - Antes de começar uma travessia, deve-se proceder a uma cuidadosa análise para determinar se o rio está com volume normal ou acima do nível. Em ambos os casos, os guias devem determinar o traçado da travessia, levando em conta a correnteza, a forma do piso e a profundidade. Geralmente se atravessa num ângulo voltado para o lado que a correnteza naturalmente conduz. O rio, estando normal, o guia faz sozinho ou junto com outro guia uma travessiateste. Vai e volta. Se o rio estiver muito cheio, deve fazer o teste preso a uma corda, que posteriormente será fixada na outra margem. Para atravessar o pessoal, há 3 técnicas seguras: travessia autônoma (os guias se colocam em posições intermediárias para ajudar alguma dificuldade eventual); travessia por corrente humana (dando a mão para outro, andando de frente para a correnteza); travessia com auxílio de corda

Alguns Equipamentos Básicos de Segurança

estojo de primeiros socorros
lanterna e pilhas,
agasalho e capa de chuva.



PRIMEIROS – SOCORROS

EM CASO DE NECESSIDADE:

como proceder

Se você estiver sempre atento aos critérios de segurança, é provável que não ocorra nada de extraordinário em sua caminhada. Mas se houver algum imprevisto, temos que saber como socorrer. Os eventuais usos que você fizer dos conceitos e técnicas de primeiros-socorros, busca, resgate e salvamento podem também ser chamados de “ossos do ofício”.

Socorrer é uma atividade bem diversificada, que pode ser simples como a colocação de um band-aid num cortinho até a difícil tarefa de procurar e achar um excursionista perdido. Enquanto tudo vai bem numa caminhada, qualquer pessoa comunicativa e com conhecimentos sobre a região pode fazer um bom papel de guia, mas numa emergência é que é colocada à prova a verdadeira capacidade de liderar o grupo e selecionar problemas difíceis, ou seja, guiar efetivamente. Quando o socorro é solicitado para alguma ocorrência mais grave, saber todas as técnicas de socorro é muito útil. Mas fundamental mesmo é manter o auto controle, pois só assim se consegue tomar decisões sábias e rápidas. O grupo, quando ocorre um incidente mais grave, tende a se desestabilizar emocionalmente, tornando-se um segundo problema grave para ser resolvido pelos guias. Além disso, cada excursionista em crise pode contaminar a um outro e assim o problema se generaliza. Dada a sua importância na prática de conduzir excursionistas na natureza, é muito importante que você faça um curso específico de primeiros socorros.

Conduzindo seu Grupo, causando o Mínimo Impacto

Como guia, você deve cuidar para que seus guiados se comportem adequadamente dentro dos conceitos de mínimo impacto e ao fazer paradas com o seu grupo, estude um local que consiga absorver o impacto do grupo todo se aglomerando.



ROTEIRO E PRODUTO TURÍSTICO

ROTEIRO E PRODUTO TURÍSTICO

Produtos turísticos são o resultado da soma de atividades e serviços, apoiados por equipamentos e infra-estrutura, combinados para se apreciar ou desfrutar atrativos, quer sejam eles baseados em recursos culturais, ambientais (flora e fauna) ou cênicos. Tecnicamente, entende-se que o processo de desenvolvimento de produtos ecoturísticos ou turísticos de base comunitária, se traduz na seguinte fórmula:

ATRATIVOS

recursos naturais e culturais

INFRAESTRUTURA

centro de informações, alojamentos, trilhas etc

EQUIPAMENTOS

canoas, barcos, jeeps, torres de observação

ATIVIDADES

curios, caminhadas, observação de flora, aves etc

SERVIÇOS

transporte, alimentação, quiagem, lavanderia etc

ROTEIRO E PRODUTO TURÍSTICO



PRODUTO

Procedimentos básicos para a execução de um roteiro turístico, utilizando um produto:

Fazer um levantamento dos atrativos, da infra-estrutura, dos equipamentos, das atividades e dos serviços disponíveis, observando as normas dos locais a serem visitados; Construir um roteiro, detalhando quantidade de dias, horários, etc; Exercitar o roteiro; Fazer um teste.

Um bom roteiro deve ter:

Diversidade (ambiental e cultural); Autenticidade (mostrar e proporcionar a vivência do que é típico do local); Beleza cênica; Informação em quantidade e qualidade (geografia, ecologia, história e cultura); Rusticidade com conforto; Limpeza em todos os locais; Segurança.

OBSERVAÇÃO:

tenha sempre um segunda plano em mãos, se prevenindo para a possibilidade de algo não funcionar, a exemplo da quebra de algum equipamento ou mudança de tempo.



CONCLUSÕES

conflitos:

Conflitos entre participantes do grupo podem ser resolvidos com o apoio do próprio pessoal, ficando mais delicadas situações de conflito entre um visitante ou o grupo todo com os guias. Aja de forma diplomática e procure estabelecer as verdadeiras causas do problema colocando toda a sua capacidade de raciocínio na direção de solucioná-lo. Mas, ocorrendo um caso de desobediência sistemática do seu pedido e esgotados todos os seus argumentos para resolver a questão, chame o grupo todo para testemunhar os fatos.

Assim, se acontecer alguma coisa a eles, você terá várias testemunhas para isentá-lo da culpa.

associativismo

O associativismo é a reunião de pessoas ou entidades com objetivos específicos a fim de gerar benefícios e superar dificuldades em nível econômico, social, ambiental ou político. A realidade brasileira, particularmente do interior, onde se pratica o ecoturismo e o turismo de base comunitária, requer uma adequação na qualificação do guia aos baixos níveis de escolaridade e ao difícil acesso aos cursos oficiais.

Nos estados de Goiás e Bahia desenvolveu-se na Chapada dos Veadeiros e Chapada Diamantina, a categoria de Condutor de Visitante. A maioria dos condutores locais formaram as ACVs (Associações dos Condutores de Visitantes). Os cursos foram realizados através de parcerias com ONGs e governos municipais, estaduais e federais. Hoje estas associações funcionam em forma de redes regionais: Rede Bioma Cerrado (Chapada dos Veadeiros-GO), ACV-CD (Chapada Diamantina-BA) e REMA-VALE (Vale do Ribeira-SP). Como a atividade de Condutor de Visitantes não é regulamentada e pela oferta de guias mateiros em regiões remotas, as associações de condutores pressionaram e a Embratur recomendou que os estados regulamentem os condutores locais. Em São Paulo, estes profissionais foram reconhecidos como Monitores Ambientais enquanto que, na Bahia, a Bahiatursa está com um projeto em mãos, visando regulamentar a atividade no território baiano, engavetado há mais de cinco anos. As associações de condutores de visitantes da Chapada Diamantina ainda lutam por este reconhecimento.

Conclusões e Reflexões

Conduzir bem um grupo não é uma tarefa muito simples, como deu para perceber ao longo deste curso. Exige conhecimento, experiência e sensibilidade. Conduzir um grupo é muito mais do que levá-lo a algum lugar. É levar com informação e segurança. Conduzir grupos é uma profissão muito agradável, pelo contato com a natureza e ao mesmo tempo, contato humano. Mas de muita responsabilidade também. Muitas vezes a vida das pessoas está nas mãos do guia. Para dar segurança é preciso ter uma sólida segurança própria e esta se adquire estudando e principalmente, tendo experiências pessoais.

voce se sente seguro para dar segurança a um grupo de visitantes?

Refleta profundamente e responda honestamente para si, esta pergunta. Caso você não se sinta ainda preparado para guiar uma excursão, não desanime. Aprofunde-se no estudo dos conceitos e técnicas aqui abordados e comece acompanhando outros grupos como auxiliar ou aprendiz. Discuta suas vivências com seus colegas.

Mesmo guias experientes aprendem mais a cada caminhada.

É muito importante e bonito sermos humildes e reconhecer, se for o caso, que precisamos aprender mais antes de assumir uma grande responsabilidade. A vida retribuirá esse gesto com uma evolução profissional gradual, sólida e cheia de boas lembranças. Do contrário, assumindo responsabilidades sem estarmos preparados para tal, a vida pode nos devolver pesadelos, amarguras, culpa e tristes lembranças.



SEGMENTOS DO ECOTURISMO

Para a prática da atividade de tirolesa os usuários usam equipamentos específicos como: mosquetão, cadeirinha, polia, fitas de segurança, capacete, para garantir a segurança dos praticantes.

Esta é uma lista de atividades por vezes consideradas dentro do ecoturismo, lembrando que devem seguir os pressupostos enunciados acima, caso contrário não podem se enquadrar nesta definição. Têm em comum o fato de serem praticadas em meio ao ambiente natural; no entanto, algumas têm suficiente impacto ambiental para não serem consideradas boas práticas pelos ecologistas, como quando o canyoning é praticado em trechos de rio usados para nidificação de aves de rapina.



modalidades



tiroleza

A chamada tiroleza é a prática da travessia de montanhas, vales, lagos ou canyons, por meio de cordas, utilizando uma roldana e equipamentos apropriados. Essa modalidade de esporte radical é muito difundida no mundo inteiro, principalmente na Nova Zelândia. Seu nome, origina-se da região do Tirol, onde foi desenvolvida.

cavalgada

Percorrer a cavalo percursos em meio à natureza. É uma atividade especialmente indicada para terrenos muito acidentados ou em terrenos onde o tráfego de veículos não seja possível ou permitido, especialmente se necessário transportar equipamentos para outras atividades.

snorkeling e flutuação

Para ser considerado ecoturismo não se deve quebrar corais durais durante um mergulho nem mergulhar no período de reprodução dos animais.

A flutuação é um passeio em que o turista flutua, equipado com roupas de neoprene, colete salva-vidas, máscara e snorkel, em um trecho de rio, geralmente com pouca velocidade de correnteza, e observando a fauna e flora aquática. Como é um passeio de ecoturismo, existem regras a serem seguidas, visando a conservação do ambiente aquático. Na região de Bonito e Jardim, no estado de Mato Grosso do Sul, existem passeios de flutuação em rios de água cristalina, com alta biodiversidade, belíssimos.

boia-cross

O boia-cross é a prática de descer corredeiras classe II (leves) em grandes boias redondas. A atividade inclui brincadeiras no rio e é acompanhada por canoístas profissionais que garantem a segurança dos participantes.

OBSERVAÇÃO DE AVES



A ornitologia tem por objetivo promover o amor aos pássaros e aves e trabalhar pela sua proteção.

A observação de aves é o passeio de ecoturismo que tem como objetivo a observação das aves em seu habitat natural, sem interferir no seu comportamento ou no seu ambiente.

Tal roteiro constitui uma forma legítima de exploração ecoturística das áreas naturais, visto ser uma prática de baixo impacto.

O público que procura este tipo de atividade é um público específico que possui alto grau de consciência ambiental, estando atento e adotando seriamente as práticas de mínimo impacto em ambientes naturais.

Lugares que possuem vocação natural para a exploração dessa atividade são áreas naturais em bom estado de conservação, com boa infraestrutura receptiva e que já possuam catalogadas as espécies de aves que ocorrem na área. Em geral, os roteiros de observação de aves são desenvolvidos primordialmente em trilhas e horários distintos dos utilizados no programa turístico normal, e são acompanhados de guia especializado.

No Sudeste do Brasil, próximo ao Rio de Janeiro, na reserva florestal de Macaé de Cima, podem ser vistas espécies de pássaros quase extintas no resto do Brasil, pois esta reserva representa 70% de mata verde existente no sudeste, atrás em importância apenas da floresta amazônica.

Também nos Sudeste, entre Rio e São Paulo, encontra-se outra região apropriada para esta atividade. Devido a extensão e preservação do local, a Serra da Bocaina possui uma lista muito grande de espécie de aves, dos mais variados tamanhos, formas, cores e cantos. Exemplo: Murucututu-de-barriga-amarela, Andorinhão-do-temporal, maria preta de bico azulado, entre outros.

Outro local de grande interesse para a prática desta atividade é em Petrópolis-RJ. Sua lista já conta com mais de 190 espécies distintas de aves, com destaque para a Choca da Taquara Biatas nigropectus e o Azulão Cyanocompsa brissonii.



modalidades

cicloturismo

No mundo todo trilhas ecológicas são montadas especialmente para bicicletas.

Cicloturismo é uma modalidade turística onde o principal meio de transporte é a bicicleta em uma trilha passando por área de proteção ambiental. O cicloturista, turista que pratica cicloturismo, pode pernoitar fora de seu local de convívio habitual. Não se trata de uma atividade competitiva e é um bom exercício.

observação de fauna e flora

Observação de animais e plantas em seu habitat natural, frequentemente com um roteiro ou para pesquisa científica.

espeleologia

Espeleologia é a ciência que estuda as cavidades naturais e outros fenômenos cársticos, nas vertentes da sua formação, constituição, características físicas, formas de vida, e sua evolução ao longo do tempo

estudos do meio ambiente

Trekking, em países de origem inglesa também é conhecido como backpacking (em referência às grandes mochilas).

Estudar a área em que está percorrendo, sobre as pedras, as vegetações, as águas, etc. Juntamente com o guia e o organizador ecológico descobrem a área para uma pesquisa ecológica, que será guardada numa reserva para que logo que fizerem as últimas pesquisas verem a evolução da descoberta da área percorrida.

OBSERVAÇÃO DE AVES

trekking

Trekking é a atividade de trilhas ou caminhada que mais de um dia de duração, por áreas naturais com relevante beleza cênica.

A incursões, geralmente por áreas montanhosas, por menos de um dia, dá-se o nome de hiking.



parapente

O parapente (paraglider em inglês) é um aeroplano (aeronave mais pesada do que o ar), em cuja asa (inflável e semelhante a um paraquedas, que não apresenta estrutura rígida) são suspensos por linhas o piloto e possíveis passageiros.

asa-delta

A Asa-delta é um tipo de aeronave composta por tubos de alumínio, que proporcionam a sua rigidez estrutural, e uma vela feita de tecidos, que funciona como superfície que sofre forças aerodinâmicas, proporcionando a sustentação da aeronave no ar.

balonismo

O balonismo é um esporte aeronáutico praticado com um balão de ar quente. Possui adeptos em todo o mundo.

canyoning

Descida de penhascos e/ou cachoeiras, com auxílio de equipamento especial (rappel)



modalidades



rafting

O rafting é uma atividade praticada em botes com capacidade de 5 a 7 pessoas no máximo, sempre conduzido por um guia profissional e canoístas para garantir a total segurança dos praticantes.

turismo geológico

Turismo geológico é o turismo que tem por fim visitar locais de elevado valor geológico, como vulcões e geoparques. Este segmento do Ecoturismo hoje já ganha uma designação própria, o geoturismo, que já pode ser visto em alguns trabalhos nacionais e sobretudo internacionais.



CONCLUSÕES

ética profissional

A responsabilidade do guia ou condutor é muito grande. Cabe a ele cuidar da integridade do turista, da comunidade local e dos patrimônios cultural e ambiental. O condutor deve seguir rigorosamente os horários e roteiros e usar flexibilidade quando necessário, procurando sempre atender às expectativas do cliente. Além disso, outros fatores devem ser observados:

ética entre os guias:

Os guias devem se respeitar mutuamente, tomarem decisões em conjunto e, em caso de discordância, resolver isso em particular.

guia mulher:

Guias mulheres devem ser respeitadas e consideradas sem discriminação alguma. Cabe lembrar que mulher que se torna guia pode perfeitamente manter a graça da feminilidade.

respeito com o guiado:

Ao falar ou se referir a seus visitantes, mantenha sempre o respeito. Não significa submissão. Se o grupo for mal educado com você, não desça ao nível dele.

igualdade:

Todos os participantes têm direito de serem guiados de forma igual.

profissionalismo:

O guia ou condutor deve ter sempre em mente a seriedade do seu trabalho (mesmo mantendo bom humor, descontração e brincadeiras na hora certa). Além disso, guias devem dar sempre exemplos positivos. Devem agir sempre dentro dos conceitos de mínimo impacto e cuidados com a natureza e com a cultura local. Não é bom fazer coisas ou ir a locais onde aos guiados seja proibido, para simples diversão.



RAFTING TABOQUINHAS





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTE:

[HTTP://WWW.MEIOAMBIENTE.BA.GOV.BR/CONTEUDO.AS
PX?S=APAITACA&P=APAAPA](http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=apaaitaca&p=apaapa)

FONTE: CARTILHA-DE-CURSO-BASICO-DE-FORMACAO-
DE-CONDUTORES-DE-VISITANTES_BOA-NOVA-BA.PDF

FONTE:

[HTTPS://PT.M.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/ECOTURISMO](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/ECOTURISMO)

FONTE:

[HTTPS://WWW.VIAGEMREFERIDA.COM.BR/RAFTING-EM-
ITACARE-NO-RIO-DE-CONTAS-TABOQUINHAS](https://www.viagempreferida.com.br/rafting-em-itacare-no-rio-de-contas-taboquinhas)

FONTE:

[HTTPS://WWW.TURISMOASTURIAS.ES/PT/ORGANIZA-TU-
VIAJE/DEPORTE-Y-AVENTURA/AVENTURA/GEOLAG-
TURISMO-GEOLOGICO](https://www.turismoasturias.es/pt/organiza-tu-viaje/deporte-y-aventura/aventura/geolog-turismo-geologico)



PROJETO TRAVESSIA



www.mecenasdvida.org.br



[@turismoco2legal](https://www.instagram.com/turismoco2legal)

contato@mecenasdvida.org.br